

SÓ FALTA UM BIGODUDO CONTRA O CELULAR

Fonte: www.estadao.com.br

A guerra dos ambientalistas radicais contra o celular tem muita semelhança com o caso dos transgênicos. Nas imediações de Catânia, na Sicília, um grupo de ativistas da ecologia depredou e incendiou há pouco tempo três estações radiobase (ERBs) de telefonia celular. Na Europa, só falta um bigodudo ousado como o francês José Bové para liderar os ataques, com a cobertura entusiástica do Le Monde Diplomatique.

Embora não haja nenhuma evidência científica de que o telefone celular cause danos à saúde, esses ambientalistas radicais - apelidados pitorescamente de ecoxiitas - se lançam contra "il telefonino di Italia". E no sul da Itália, sabidamente machista, os ambientalistas têm usado um argumento devastador e desleal para conquistar a adesão masculina: espalham entre os homens a terrível acusação de que as radiações das antenas das ERBs causam impotência sexual. Na Alemanha, outro grupo depreda torres e antenas, responsabilizando-as não apenas por sua "intolerável poluição visual", mas, principalmente, por supostos "prejuízos à saúde humana".

Há oito anos - Tudo começou quando, em 1993, um cidadão norte-americano compareceu ao programa Larry King Live, da CNN, e responsabilizou um telefone celular de ter provocado câncer e matado sua esposa. Contou que a mulher era fanática pelo celular e chegava a falar até cinco horas por dia com suas amigas e parentes.

De lá para cá, muitos estudos já foram feitos em laboratórios especializados de diversas universidades - como Harvard, Yale e o Medical College de Richmond, Virgínia-EUA - em busca de possíveis efeitos da radiação dos celulares sobre o ser humano e a conclusão tem sido uma só: não há, até o momento, qualquer evidência científica de que o uso do telefone celular cause qualquer doença, muito menos o câncer. Mesmo assim, as pesquisas vão continuar.

Não é difícil compreender as preocupações populares, num momento de medo e desconfiança generalizados causados por tantas formas reais e dramáticas de poluição no mundo. No Brasil, o CPqD de Campinas tem pesquisado e medido a intensidade de sinais de ERB's e de aparelhos e, segundo Cláudio Violato, constatando que eles estão abaixo dos limites recomendados pela Organização Mundial de Saúde. Mas não cabe a essa empresa pesquisar efeitos biológicos.

Em diversos artigos científicos publicados até aqui, médicos e pesquisadores argumentam que, em princípio, as radiações desses telefones não devem produzir danos à saúde, por não serem ionizantes, como acontece com a dos cinescópio da televisão ou com os raios-X. Mesmo assim, enfatizam, é absolutamente necessário prosseguir nos estudos e pesquisas.

Além disso, a intensidade do sinal eletromagnético é muito baixa. E, no caso das antenas das estações radio base (ERB's), situadas mais distantes dos usuários, os sinais são ainda mais fracos.

Deve-se, no entanto, tomar muito cuidado quando se faz uso prolongado e freqüente do telefone celular, pois a bateria acaba provocando aquecimento de vários graus numa região muito próxima do cérebro humano. Quanto às antenas das ERB's, ninguém deve permitir que elas estejam a distâncias muito próximas - de alguns metros - de nossas casas, em especial de nosso quarto de dormir.

Outro aspecto a ser considerado é a possibilidade de freqüências mais altas produzirem efeitos diferentes. Assim, enquanto usamos os celulares atuais, de segunda geração, nas faixas de 800 a 1.900 megahertz, os efeitos podem ser bem menos prejudiciais do que nas freqüências mais altas.

Um televisor comum, que emite radiação ionizante, traz preocupações muito maiores quando ligado e visto por uma criança a menos de um metro de distância. Mesmo no caso das radiações eletromagnéticas não-ionizantes, há situações muito mais preocupantes que as do celular, como acontece com os sinais emitidos pelas antenas de emissoras de rádio AM e FM na Avenida Paulista, centenas de vezes mais potentes que a dos celulares, mesmo quando estes aparelhos estão encostados em nossos ouvidos. Mesmo assim, não há nenhuma prova conclusiva de que as radiações daquelas antenas de emissoras AM e FM sejam prejudiciais ao ser humano.

Em 1993, quando surgiram as primeiras acusações contra o celular, a população usuária norte-americana não passava de 10 milhões. Hoje, são mais de 120 milhões, nos EUA, e 700 milhões, no mundo. Num universo desse tamanho, caso o celular fosse mesmo causador de males mais sérios, as estatísticas deveriam estar apontando um número muito mais elevado de casos de câncer de cérebro ou outros.